

Educação para a sexualidade no primeiro ano do ensino médio: uma abordagem prática

Sexual education in the first year of high school: A practical approach

Ana Júlia Lemos Alves Pedreira

Karoline Queiroz Rocha Moura

Resumo: Falar sobre sexualidade ainda é um tabu, mas a importância de um diálogo responsável sobre educação para a sexualidade para jovens se mostra muito necessária. Essa pesquisa buscou identificar como que a sexualidade é percebida pelos estudantes do primeiro ano do ensino médio de uma escola de Brasília, e quais são as suas dúvidas mais comuns. Com essas questões foi preparada uma aula e averiguou-se de onde vem a informação que possuem sobre o assunto. Os dados obtidos foram analisados por análise de conteúdo e mostraram estudantes interessados pelo tema e participação ativa durante a aula, ainda que tímidos. A educação para a sexualidade ainda possui muitas barreiras que precisa atravessar, mas o tema se desenvolve.

Palavras-chave: Tabu, Sexo, Escola, Diversidade.

Abstract: Talking about sexuality is still a taboo, but the importance of a responsible dialogue on sexual education for young people proves to be very necessary. This research sought to identify how sexuality is perceived by first year high school students in a school in Brasília, and what their most common doubts are. With these questions a class was prepared and it was investigated where the information they have about the subject comes from. The data obtained was analyzed by content analysis and showed students interested in the theme and active participation during the class, even if shy. Sexual education still has many barriers that need to be crossed, but the theme is developing.

Keywords: Taboo, Sex, School, Diversity.

Educación para la sexualidad en el primer año de secundaria: Um enfoque práctico

Resumen: Hablar de sexualidad sigue siendo un tabú, pero la importancia de un diálogo responsable sobre la educación sexual de los jóvenes resulta muy necesaria. Esta investigación buscó identificar cómo perciben la sexualidad los alumnos de primer año de secundaria de una escuela de Brasília, y cuáles son sus preguntas más comunes. Con estas preguntas se preparó una clase y se comprobó de dónde procede la información que tienen sobre el tema. Los datos obtenidos fueron analizados mediante la análisis de contenido y mostraron a los alumnos interesados en el tema y una participación activa durante la clase, aunque tímida. La educación sexual todavía tiene muchas barreras que superar, pero el tema se está desarrollando.

Palabras clave: Tabú, Sexo, Escuela, Diversidad.



1. Introdução

Uma das fases marcantes do desenvolvimento humano para muitas pessoas é a adolescência; ela vem cheia de descobertas e questionamentos, e a sexualidade é uma delas. Ainda assim, a sexualidade ou a educação para a sexualidade, mesmo com toda a sua importância precisa lidar com barreiras que atrasam a dispersão de informação segura e de qualidade. Gava e Villela (2016) mencionam o dilema político e ideológico, que ao invés de assegurar e desenvolver com os jovens o tema, questiona a sua necessidade.

Maia et al. (2012) mencionam a importância da análise de forma abrangente da sexualidade; com uma visão dos aspectos biológicos, mas também da mente e socioculturais, para que a mesma possa ser tratada de forma científica, prazerosa e responsável. Também compreende a adolescência como um período da vida que não pode ser trabalhado de forma independente do contexto social, cultural ou político em que esse indivíduo se encontra. Mas o que é educação para a sexualidade? Para compreender o conceito de educar para algo, primeiro é importante conceituar sexualidade.

Resumir a complexidade da sexualidade em poucas palavras é uma tarefa complexa, mas pode-se partir do princípio que sexualidade “é o nome que damos para o aspecto da vida humana que inclui as sensações corpóreas e subjetivas que envolvem, também, as questões emocionais.” (MAIA, 2010, p. 2). Quando Maia fala de sensações corpóreas refere-se ao tato, o prazer físico, as questões emocionais são como esse prazer físico se conecta com o interior de cada indivíduo.

A educação para a sexualidade tem como objetivo fornecer conhecimento para que os jovens se empoderem e se preparem para uma vida sexual segura. Observando a legislação brasileira, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) (BRASIL, 2018) educam para os direitos humanos e ressaltam a necessidade de uma abordagem condizente com o momento em que vivem, sendo importante a inclusão de projetos políticos pedagógicos que acessem a todos, independente da sua classe ou inserção na sociedade. É papel da escola oferecer um ambiente seguro para debater com os alunos, pois quando os mesmos participam, pode vir a ser mais



produtiva a construção do conhecimento. Beraldo (2003) comenta que o debate acerca da sexualidade e sua abordagem de forma educativa, tanto no centro de ensino quanto em casa, sempre gerou muita polêmica por mexer com as sensações e fantasias das pessoas. O tema acaba sendo por consequência, visto como algo feio e impróprio. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Beraldo (2003) diz que:

[...] A escola é o ambiente onde a interação com o mundo ao redor e com as pessoas que o cercam acontece. Depois do ambiente familiar é a escola que complementa a educação dada pela família onde são abordados temas mais complexos que no dia a dia não são ensinados e aprendidos, tendo esta uma imensa responsabilidade na formação afetiva e emocional de seus alunos. (BERALDO, 2003, p.1)

A escola não deve de forma alguma substituir o papel dos responsáveis quando se trata de aconselhar e orientar os jovens, mas ela também tem a sua função e obrigação de instigar o pensamento crítico e respeito à vida. Pela visão de Alencar et al. (2008), ainda que em sua maioria compreendam a importância de se discutir sexualidade, existe uma grande dificuldade tanto dos pais quanto dos educadores de abordar o assunto, o que justifica a inclusão do tema na escola e ratifica a sua importância. Matão et al. (2019) tratam da insegurança dos docentes na hora de ensinar assuntos relacionados à saúde, por não estarem a par dos assuntos. Essa dificuldade em falar sobre sexualidade é fácil de ser notada. Cano, Ferriani e Gomes (2000) já observavam como essa falta de tato na abordagem da temática impedia que os jovens tivessem uma fonte segura para trazer seus questionamentos, uma situação que pode se agravar com o passar dos anos.

Já em relação aos pais, muitas vezes protelam a discussão por receio de que ao tocar no assunto possam incentivar o início da vida sexual (MACEDO et al. 2013). Como dito por Silva (2018) “muitas famílias privam o diálogo com os filhos, por entender que o diálogo antecipa o sexo, além de mostrar como os pais também se sentem despreparados e tímidos para tratar o assunto em casa” (p.18). Os próprios autores se manifestaram sobre como esta visão retrógrada e equivocada apenas dificulta o processo, pois a



falta de diálogo deixa os jovens mais vulneráveis já que a sexualidade vai continuar fazendo parte de suas vidas.

A própria menção do assunto “educar para a sexualidade” já causa uma apreensão, tanto em casa quanto na escola, reiterando a necessidade de ser trabalhada como algo natural. “A mais básica educação sexual é ainda uma potencial fonte de embaraços institucionais e familiares” (PINTO, NOGUEIRA, OLIVEIRA, 2010, p. 375). Até porque, sexualidade envolve além das questões biológicas questões relativas à identidade de gênero, orientação sexual e contexto em que o indivíduo está inserido.

Como mencionado por Suplicy (2000), entra como compromisso da escola construir uma visão positiva da sexualidade, mesmo o assunto sendo um tabu, para que possa ser abordado de maneira livre e séria. A pesquisa de Suplicy (2000), ainda que antiga, se mostra muito atual pois tal responsabilidade muitas vezes para nas mãos dos professores de Biologia, que não necessariamente são preparados para trabalhar com o assunto. Ao mesmo tempo, existe um movimento crescente de projetos para reflexão e discussão entre os adolescentes acerca da educação para a sexualidade. Desta forma, eles podem desenvolver mais o pensamento crítico e a capacidade de analisar a situação por um todo.

O Distrito Federal conta com um Currículo em Movimento da Educação Básica do Ensino Médio (DISTRITO FEDERAL, 2014) e dentre os temas nele indicados, pode-se encontrar como parte do conteúdo do primeiro ano do ensino médio: saúde como direito, desequilíbrios da saúde, sexo, sexualidade e gêneros e também DST¹ (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e AIDS. E é a partir dos conteúdos estabelecidos que se pode criar uma aula ou uma dinâmica adequada para o tema.

Como dito por Moizes e Bueno (2010), a base da educação sexual é o diálogo. Existem adolescentes que perguntam muito e outros nem tanto, mas o importante é criar um ambiente encorajador para desenvolver o tema. Os

¹ DST entrou em desuso, agora se usa o termo IST, Infecções Sexualmente Transmissíveis.



autores afirmam também que a escola deve trabalhar a educação sexual em busca de mudar visões distorcidas da sexualidade. Um exemplo seria os conceitos deturpados sobre sexualidade que os alunos trazem, baseados em filmes pornográficos ou equívocos gerados pelo conhecimento sem embasamento.

Neste contexto, essa pesquisa teve por objetivo investigar, junto aos estudantes do primeiro ano do ensino médio de um Centro Educacional do Distrito Federal quais as dúvidas mais comuns por eles percebidas em relação ao tema educação para a sexualidade. A partir dessas dúvidas, foi elaborada uma aula expositiva na tentativa de elucidar os pontos apresentados. Durante o desenvolvimento da aula foi proporcionado pela pesquisadora um ambiente seguro para que os alunos se sentissem confortáveis em sanar suas dúvidas. Foi também verificado como a educação para a sexualidade é vista pelos estudantes, a importância de se estudar esse tema na escola além de averiguar quais as principais fontes de informação acerca da sexualidade, adotada pelos estudantes.

2. Metodologia

2.1 Abordagem

A abordagem escolhida para essa atividade interventiva foi a análise de conteúdo de Bardin (2011), pois acredita-se que esse tipo de metodologia pode avaliar os dados com mais precisão ao invés de apoiar-se apenas em quantidade de material. Esta abordagem qualitativa contou com a pré-análise do material coletado, a exploração e desenvolvimento do mesmo e finalizando com o tratamento dos resultados de forma adequada, todos aprofundados mais à frente.

2.2 Local de Desenvolvimento da Pesquisa

Essa pesquisa foi realizada em um Centro Educacional, escola que atende turmas de anos finais do ensino fundamental e também ensino médio, localizado no Distrito Federal. A escola é muito bem estruturada e devido à



semestralidade, onde os alunos têm disciplinas específicas condensadas ou no primeiro ou no segundo semestre do ano, o trabalho foi feito com 4 turmas de primeiro ano do ensino médio. É importante considerar que eram todas as turmas que estavam cursando a disciplina de Biologia neste semestre, 2/2019, presencialmente. O espaço e horário de aula foi cedido pela professora de Biologia da escola onde a pesquisa foi dividida em três momentos, apresentados a seguir.

2.3 Momentos das Atividades

2.3.1 Primeiro Momento

Para o início das atividades foi passado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que os estudantes pudessem leva-lo para casa a fim de obter a autorização dos seus responsáveis para participarem da pesquisa. Em seguida, foram distribuídos alguns retângulos de papel do mesmo tamanho e serviu para que os estudantes pudessem escrever suas dúvidas acerca de educação para a sexualidade, qualquer que fosse ela.

Após escrevê-la, o aluno dobrava o papel de forma padronizada para que ninguém se preocupasse em ser identificado, preservando o anonimato deixando-os mais à vontade, e prosseguia colocando o papel em uma caixa previamente preparada. Mesmo que o estudante não tivesse nenhuma dúvida, ele recebia o papel, o dobrava e inseria na caixa. O ideal era que todos se manifestassem, com uma ou mais dúvidas e os que não tivessem nenhum questionamento seguissem o procedimento, para nenhum estudante se sentir constrangido.

Após a coleta das perguntas em todas as turmas, o primeiro momento em sala de aula havia terminado. Posteriormente, a caixa foi levada embora para análise com a aplicadora. A caixa foi aberta, todas as perguntas lidas e a avaliação do conteúdo feita, classificando-as em categorias. Bardin (2011) define que a classificação do conteúdo depende de primeiramente diferenciar os dados por meio do inventário e agrupá-los classificando de acordo com suas semelhanças, organizando assim para deixar mais fácil a visualização. Dessa



forma, as categorias foram definidas à posteriori pelo critério semântico, com uma classificação temática. A intenção foi agrupá-las de forma pertinente para que questões parecidas fossem tratadas juntas, pois com muitas dúvidas e pouco tempo de aula, era necessário a otimização do mesmo. As categorias foram definidas como: 1. Métodos contraceptivos; 2. Sexo e prazer; 3. IST's; 4. Aborto; 5. Fisiologia; 6. Extra: pergunta que não se encaixou em nenhuma outra categoria;

2.3.2 Segundo Momento

Após a leitura e análise das dúvidas foi preparada uma aula baseada nos questionamentos apresentados pelos alunos e alunas, respondendo às perguntas feitas. Destas perguntas, a grande maioria era mais relacionada a questões biológicas do que a parte social e política da sexualidade, e por mais que tais temas sejam tão importantes quanto, não foram trabalhados com tanto enfoque. Também não houve questionamentos específicos sobre a comunidade LGBTQIA+ (que abrange lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexo, assexuais e demais), mas todas as vezes que relações sexuais foram discutidas diversos exemplos foram dados, para que a aula não tivesse um enfoque em relações homem e mulher cis e sim abrangesse a pluralidade das relações humanas.

A aula, de horário duplo (100 minutos) contou com uma apresentação de *Powerpoint* como base, além de uma caixa contendo modelos didáticos anatômicos. Essa caixa foi cedida por um amigo da pesquisadora que trabalha na área, mas é possível adquirir o material seja pela internet, no caso dos modelos, ou cartilhas informativas e material acessório em postos de saúde e também adquirir os métodos em uma farmácia.

Na caixa havia um útero com os ovários, duas vulvas de silicone e um pênis, e uma série de contraceptivos diferentes dentre eles dois modelos de anel vaginal, pílula anticoncepcional mensal, injeção, espermicida, diafragma, adesivo, implante microdermal, dispositivo intrauterino de cobre com aplicador, adesivo e também camisinhas masculinas e femininas de modelos diferentes.



Continha também o método emergencial conhecido como pílula do dia seguinte. Os materiais contidos na caixa podem ser visualizados na figura 1.

Figura 1 – Caixa dos modelos didáticos



Fonte: Autora, 2021.

A apresentação de *slides* continha um quadro explicativo detalhado sobre a menstruação como foi pedido e além disso contava com tópicos pertinentes e mencionados diversas vezes nas dúvidas trazidas pelos estudantes, a fim de enfatizar a relevância do tema e servir como um guia para as discussões que seriam levantadas. Terminada a apresentação de *Powerpoint* o enfoque foi dado à caixa de materiais. Por meio desta foi possível apresentar um por um cada método contraceptivo e ter um reconhecimento visual próximo do material, dos quais muitos nem conheciam a existência. Após a apresentação de cada método e uma breve explicação de seu funcionamento, voluntários se manifestaram para explicar a aplicação correta de alguns métodos, principalmente como colocar corretamente a camisinha masculina e feminina, com o auxílio dos modelos.

2.3.3 Questionário e Análise de Dados

Outra estratégia adotada para a coleta de informações sobre a intervenção realizada foi a observação dos alunos e a interação em sala de aula a partir do momento em que os conceitos eram explanados. Como mencionado por Moizes e Bueno (2010), a estratégia de análise da interação em sala é uma abordagem que busca aproximar o sujeito de pesquisa e o pesquisador, no próprio ambiente deles. Desta forma, sem pressionar os indivíduos, a dinâmica flui de forma mais humanizada.

Foi também aplicado um questionário junto aos estudantes, e as questões nele contidas possibilitaram uma análise mais abrangente acerca da intervenção realizada. Para preservar a identidade dos estudantes, foi criado um código identificando-os por cores como pseudônimos, mantendo assim seu anonimato. A partir das respostas, foram criadas categorias para facilitar o entendimento e a discussão dos resultados, procedendo assim a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). O questionário possuía 6 questões, entre objetivas e discursivas, que visavam conhecer a faixa etária do grupo participante, além de outros aspectos apresentados a seguir, de acordo com as categorias definidas *a posteriori*.

- Conceituar educação para a sexualidade. Dividido em 5 subcategorias: dificuldade em apresentar o conceito, prevenção, orientação, fisiologia e conceito superficial.

- De onde vem o conhecimento prévio, dividido em 4 subcategorias: casa, escola, internet, amigos e um espaço em aberto para manifestação.

- Se o tema deve ou não ser falado em sala de aula de forma objetiva - sim e não- e quando sim a opinião subjetiva, classificada em 5 subcategorias: prevenção, importância da informação, falta de diálogo familiar; depende do contexto e fuga do tema.

- Se conceitos já foram apresentados anteriormente de forma objetiva - sim e não - e espaço para quem queira se manifestar ou enfatizar algo.

- Questão aberta livre relacionada a experiência com a aula, *feedback* do que foi apresentado.



3. Resultados e discussão

Ainda que todos os estudantes tenham preenchido o questionário, apenas aqueles que entregaram juntamente o TCLE assinado pelos responsáveis, ou por si mesmos no caso de maiores de idade, foram utilizados para a pesquisa. Ao todo, o tempo disponibilizado para o projeto foi de 3 aulas de 50 minutos em cada turma, em um total de 4 turmas.

3.1. Primeiro Momento

O primeiro momento foi também o primeiro contato da aplicadora com os estudantes. Os olhares questionadores e também os desinteressados preencheram a sala. As turmas eram grandes e os estudantes funcionavam no automático, prestando o mínimo de atenção no que estava sendo passado em sala e interagindo apenas quando necessário. No entanto, ao saberem do tema de pesquisa, mais olhares interessados se manifestaram.

Com o passar do tempo e concluída a primeira interação com todas as turmas, tinham-se um total de 101 questões na caixa a serem analisadas, considerando uma média de 34 alunos por turma. Carvalho, Pinto e Santos (2018) mencionam em sua pesquisa que os adolescentes de agora têm consciência de que métodos contraceptivos são importantes. Se os jovens demonstrarem interesse em aprender sobre sexualidade e compartilharem o que sabem, a discussão pode ser enriquecida.

Partindo então das dúvidas recebidas, 10 estudantes indicaram não possuir nenhum questionamento, alegando até já terem experiência o suficiente ou não terem nenhum interesse no assunto. Com o restante das questões em mãos, 91, e após categorização as mesmas foram classificadas em 6 grupos, como apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Porcentagens das dúvidas dos estudantes categorizadas

Categoria	Porcentagem
Sexo e Prazer	31,7%
Métodos Contraceptivos	22,7%
Fisiologia	18,8%



IST's	11,9%
Aborto	3,9%
Extra	1%

Fonte: Autora, 2021.

As categorias presentes na Tabela 1 serão apresentadas com mais detalhes a seguir, mas em primeira análise já é possível perceber que o interesse dos alunos é muito mais focado em questões relacionadas a sexo e prazer.

Sexo e Prazer

De todas as questões feitas pelos estudantes sexo e prazer foi a categoria com maior representatividade, com 31,7% das questões, sendo também a mais diversa contando com 5 subcategorias: Ato sexual, esperma e suas consequências; Dor e sangramento; Tabu e masturbação; Orgasmo; Gravidez; Outros. Na subcategoria Ato sexual, esperma e suas consequências, apareceram perguntas como: “quanto tempo o espermatozoide fica dentro da mulher?” e “é verdade que aquela leve lubrificação antes do espermatozoide, pode causar uma gravidez?”

A fim de sanar as questões trazidas, o tema foi abordado com muito respeito e atenção, pois a forma como cada uma lida com a sexualidade é diferente, e existem situações em que uma informação, por mais óbvia que pareça, precisa ser dita. No trabalho de Silva et al. (2019) são mencionados diversos depoimentos dos estudantes de enfermagem falando sobre timidez e vergonha na hora de lidar com a sexualidade do outro. Se é um processo difícil para um estudante de ensino superior da área de saúde, o mesmo pode ocorrer com os adolescentes discutindo o tema em sala de aula na educação básica.

Perguntas que também apareceram nessa categoria foram relacionadas à possibilidade de gravidez por não usar camisinha durante as preliminares do ato sexual, o que despertou muito a atenção dos adolescentes. Por ser uma categoria bem diversa, Dor e sangramento trouxe muitas dúvidas como “porque

mesmo no segundo ato sexual ainda dói?” e também “por que a vagina da mulher “arde” pós o sexo?”.

Quando questionado se as alunas faziam acompanhamento ginecológico houve uma série de risadas, e foram poucas que se manifestaram. Como foi uma troca no momento da aula, fica difícil discernir se realmente pouquíssimas das alunas possuíam acompanhamento médico ou se apenas não quiseram falar. As perguntas foram respondidas sempre levando em consideração as informações de profissionais da área. Mesmo assim, foi indicado que procurassem um profissional da saúde para acompanhamento de rotina, já que a intenção da aula era divulgar conhecimento, não prover diagnóstico. Os cuidados com a saúde íntima foram incentivados, lembrando a obrigatoriedade do sigilo médico ao atender os pacientes, mesmo os menores de idade, como afirma Taquette (2010).

Na subcategoria Tabu e masturbação, os alunos questionaram situações como “qual a idade certa para ter relações sexuais?” e “por que a masturbação feminina é tratada como tabu e a masculina não?”. Lima de Oliveira, Rezende e Gonçalves (2018) abordam que esse tabu que envolve a masturbação feminina é um reflexo cultural, onde a sociedade tem dificuldade de ver a sexualidade feminina como normal. Essa subcategoria gerou comentários fervorosos, pois muitas das meninas participantes acreditam que a masturbação feminina deve ser tratada da mesma forma que a masculina e não como um tabu, algo que não deve ser comentado ou é vergonhoso.

Se para os meninos é considerado questão de saúde, por que para elas seria diferente? Como o áudio das aulas não foi gravado, infelizmente não tem como trazer à tona falas das alunas, mas o empoderamento feminino foi pauta do momento, bem como a liberdade de escolher se relacionar com quem quiser, seja um homem ou mulher, cis ou trans.

As outras 3 subcategorias: Orgasmo; Gravidez e Outros não tiveram muitas perguntas, mas algumas muito pertinentes como “quantos orgasmos um homem pode ter?” ou também “toda vez que uma mulher engravida ela fica enjoada?”. No fim, uma pergunta diferente apareceu: qual seria o problema de perder a virgindade antes de menstruar pela primeira vez. O tema acaba sendo



muito delicado considerando que tipo de experiência a aluna em questão poderia ter vivido.

Silva (2018) defende quão importante é a inserção da educação sexual no plano das escolas desde cedo, pois é um problema de saúde pública. Trazendo à consciência, “teremos mais pessoas estimuladas e esclarecidas sobre quais meios terão para se defender e prevenir de doenças indesejadas, assim como a perspectiva de vida e satisfação será bem mais positiva.” (SILVA, 2018, p. 14). Como todas as perguntas foram colocadas de forma anônima, não tem como tratar de forma individual situações delicadas como a citada anteriormente. Essa situação enfatiza mais uma vez a necessidade de trabalhar a conscientização dos jovens e educar para a sexualidade.

3.1.2 Métodos Contraceptivos

Outra categoria bem representada no quadro 1 foi a dos Métodos contraceptivos, com 22,7% das questões. Esse fato pode trazer uma visão ambígua, pois ao mesmo tempo que os jovens demonstram interesse em formas de se proteger, também pode indicar uma falta de conhecimento acerca do assunto. As questões presentes nessa categoria foram classificadas em 3 subcategorias: Efeitos colaterais e consequências dos métodos; Tipos de métodos e sua eficácia e Curiosidades.

A primeira subcategoria, Efeitos colaterais e consequências dos métodos, levantou questões pertinentes tais como “a camisinha causa doença?”. Um questionamento que aparentemente é resultado de desinformação, pois ainda que algumas pessoas tenham realmente alergia ao látex, material que compõe prioritariamente a camisinha, a mesma não causa doença e tal informação pode ser disseminada de forma equivocada, como justificativa para não fazer utilização do método.

A subcategoria tipos de Métodos e sua eficácia trouxe bastante participação com perguntas sobre quais os métodos e sua eficácia, além de ser muito discutida no segundo momento quando se utilizou a caixa de modelos didáticos. Já última subcategoria Curiosidades, abordou a discussão de um tema extremamente atual, que é a existência de um método contraceptivo



masculino, “por que não existe um anticoncepcional masculino?”. Foi mencionado, até mesmo pelas próprias alunas, as iniciativas de desenvolver um medicamento com esse enfoque. Pereira, Azize (2019) abordam os recentes projetos de desenvolvimento de uma pílula masculina, onde o homem dividiria com a mulher a responsabilidade de evitar a concepção, e qual seria o grupo alvo.

3.1.3 Fisiologia

Fisiologia foi a 3ª categoria mais representativa, com 18,8% de interesse dos alunos (Tabela 1) tendo sido dividida em 3 subcategorias: Características dos órgãos genitais; Menopausa e Andropausa; e Ciclo menstrual. Quanto às características dos órgãos genitais, as dúvidas giraram em torno do tamanho médio do pênis e da elasticidade da vagina. A princípio são questões comuns, mas que apontam a insegurança que os jovens trazem em relação ao seu corpo. Cordeiro (2006) afirma que a aparência física pode alterar os relacionamentos e até as amizades dos adolescentes, frisando que isso interfere no convívio com o outro. Foi comentado também como a pressão estética externa, dos outros e das mídias, afeta como que os jovens se sentem em relação aos próprios corpos e a necessidade de se aceitar e aprender a se amar.

O Ciclo menstrual, a menopausa e andropausa também apareceram nas perguntas dos alunos, o que é um contraste interessante, levando em conta que se tratam de jovens e que a menopausa e a andropausa são questões relacionadas a adultos em torno dos 55 anos. Surgiram vários questionamentos sobre ciclos menstruais irregulares (é normal você passar 4 meses sem menstruar, e quando menstrua ficar uns 10 dias menstruada?), mudanças no corpo causadas pela puberdade e também acerca da tensão pré-menstrual (TPM tem alguma relação com período menstrual?).

A falta de informação e conhecimento das jovens sobre o próprio ciclo mostra por que as perguntas ficaram tão focadas mais na parte biológica da educação para a sexualidade. Para que seja possível discutir com mais profundidade aspectos socioculturais, é necessário ter o básico de saúde



íntima bem fundamentado. Dutra (2015) discorre sobre a síndrome pré-menstrual e seus diversos sintomas, podendo variar de leves como a fadiga a emocionais graves que podem pôr a vida em risco. Ele também fala como isso pode atrapalhar a vida da mulher, ainda que sua existência seja desvalorizada e minimizada.

3.1.4 Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's)

As IST's apareceram com 11,9% das perguntas, sendo dividida em 2 subcategorias: Como identificar tipos de IST's e Formas de contrair e possíveis tratamentos, sendo importante levar em consideração que o tema em si já é bem específico. O que os estudantes mais gostariam de saber foi como identificar uma infecção e poder tratá-la. Mais uma vez foi recomendado o acompanhamento médico, ou acesso ao posto de saúde mais próximo, pois fatores relacionados à saúde íntima se não resolvidos podem causar sérios danos ao indivíduo.

3.1.5 Aborto e Extra

Poucas dúvidas surgiram relacionadas às categorias Aborto e Extra. A única questão da categoria extra diz respeito à compreensão do que seria controle de natalidade. Já sobre o aborto, as poucas questões que apareceram eram mais relacionadas a que tipo de métodos seriam eficazes, o que não foi descrito na aula já que o aborto no Brasil é ilegal, sendo permitido em situações bastante específicas. Na aula expositiva foi comentado apenas sobre a questão social que envolve o aborto, a posição da religião das pessoas sobre o assunto e as questões psicológicas que podem surgir quando uma mulher sofre um aborto.

Vale a pena ressaltar que todas as categorias e subcategorias explanadas acima foram resultantes das questões trazidas pelos estudantes no primeiro momento, mas trabalhadas durante a aula expositiva que ocorreu no segundo momento com as turmas. Essa forma de apresentação das categorias visou tornar a compreensão sobre os assuntos abordados mais clara.



3.2. Segundo Momento

Esse foi o momento mais rico em interação, pois após um primeiro contato com os questionamentos dos alunos foi possível desenvolver uma aula expositiva dialogada. Alencar et al. (2008) falam da aula expositiva dialogada como uma forma de sanar as dúvidas dos alunos por meio de verbalização e troca de experiências. Essa modalidade de ensino permitiu criar uma aula que fosse direcionada especificamente para o que os estudantes demonstraram dúvida e interesse. À medida que o tema foi apresentado durante a aula, novas perguntas surgiram e a inibição, tanto dos alunos de perguntarem fora da sua zona de conforto quanto da aplicadora em conversar com os estudantes de forma franca e clara, amenizou-se.

Grande parte do conteúdo abordado neste segundo momento foi apresentado no item 3.1, de modo a explicar as perguntas feitas pelos alunos, já que as questões foram trazidas e trabalhadas ao longo da aula expositiva. No entanto, muitas outras situações surgiram ao longo da aula.

Para surpresa da pesquisadora, as turmas se mostraram interessadas e bastante respeitadas, pois um grande receio era que o trabalho não fosse levado a sério, pelo tema que já traz um tabu. Os autores Moizes; Bueno (2010) retratam esse tabu de uma forma bem clara:

Ainda hoje, quando se fala sobre sexo e sexualidade, muitos remetem a valores e crenças revestidas de preconceitos, tabus, mitos e estereótipos. É preciso compreender que a sexualidade é parte integrante e indissociável da pessoa, não implicando necessariamente em seu aspecto reprodutivo, e que valores sexuais e estilos de vida podem ser vivenciados de modo diferenciado de uma pessoa para outra. (MOIZES e BUENO, 2010, p. 206)

A aula expositiva dialogada transcorreu com ampla participação dos estudantes, demonstrando que os mesmos estavam entusiasmados, no entanto quando se deu início ao tópico que abordava as IST's foi perceptível que o interesse dos alunos pela aula diminuiu. Foram escolhidas algumas imagens que apresentassem aos estudantes como essas infecções se manifestam, com o intuito que fiquem atentos ao seu corpo e se preocupem em utilizar proteção. Porém, mesmo com todo o cuidado em escolher essas



imagens de forma a não causarem repúdio e representassem também as infecções em estágio inicial para que eles possam observar detalhes do próprio corpo, a participação não foi a mesma dos temas anteriores. Nesse sentido vale a pena refletir sobre outros tipos de estratégias que podem ser utilizadas para trabalhar as IST's, que não é um conteúdo tão interessante como o ato sexual em si, mas tão importante quanto.

Como todo o vivido vale de aprendizado, o final do segundo momento foi o mais esperado e curtido pelos alunos, a abertura da “misteriosa” caixa de modelos anatômicos e contraceptivos. Infelizmente com a empolgação sobre o tema em uma das quatro turmas a discussão se alongou e nem todas as questões foram abordadas, causando frustração aos estudantes. O fato de surgirem tantas discussões a respeito do tema da educação para a sexualidade reforça a necessidade e a importância de abordá-lo sempre que possível, tomando cuidado para passar informação verdadeira, de qualidade e interessante aos jovens. Isso porque, com o tempo limitado e direcionado às questões previamente apresentadas, faltou muito a ser discutido sobre a educação para a sexualidade e a riqueza de questões que envolvem o tema.

Para cada um dos métodos contraceptivos contidos na caixa foi explicado o seu método de funcionamento e causou muito interesse, pois a grande maioria conhecia apenas a camisinha masculina, a pílula contraceptiva e o método emergencial – a pílula do dia seguinte. E ainda assim foi necessário reiterar várias vezes como a pílula do dia seguinte agia no organismo e os riscos que causava no mesmo, pois algumas alunas acreditavam que poderiam consumi-la todos os meses, se fosse necessário, sem que isso lhes causasse mal.

Uma das questões mais interessantes que apareceram e também uma dúvida comum foi se a utilização de duas camisinhas masculinas ao mesmo tempo dobraria a eficácia do preservativo. É um mito comum mencionado até em uma música do grupo de rap Conecrewdiretoria, que diz “Mas nem me diga que essa resposta é minha eu comi aquela vaca usando duas camisinhas”. Deixando de lado a licença poética e a forma desrespeitosa que a mulher está sendo tratada, a “resposta” mencionada na música é sim dele, já que a



utilização de dois preservativos ao mesmo tempo, sejam elas duas camisinhas masculinas, femininas ou mesmo uma de cada, não é aconselhável. O mito de que geraria mais segurança na realidade aumenta as chances de fricção do material e do seu rompimento.

Infelizmente a banda citada pela pesquisadora, responsável pela autoria da música não era conhecida pelos maior parte dos estudantes, o que reforça a necessidade do professor se manter atualizado. Atualizado, tanto em relação aos conteúdos acadêmicos, após a sua formação, quanto culturais, para que seja possível estabelecer um vínculo com os alunos de acordo com o que acontece no mundo. Brandão (2019) reforça a necessidade de se estar sempre atualizado, pois no mundo atual as informações correm rapidamente.

O envolvimento pela caixa era tanto que as alunas menos participativas até aquele momento, se voluntariaram para a demonstração de colocar a camisinha masculina no pênis de silicone contido na caixa (Figura 1). Nesse momento elas comentaram que queriam possuir conhecimento para que no futuro, quando viessem a ter relações sexuais, não estivessem despreparadas e à mercê do parceiro(a) com quem se relacionassem querer utilizar ou não o preservativo. Esse empoderamento feminino é extremamente atual e importante, além da desmistificação de que mulheres que possuem conhecimento sobre questões sexuais não são dignas de respeito também retrata a importância da utilização de preservativos em relações homossexuais assim como nas heterossexuais, porque gravidez não deve ser a única preocupação de jovens, bem como infecções sexualmente transmissíveis não são exclusivas de gênero.

3.3. Terceiro Momento

O terceiro e último momento está relacionado ao questionário distribuído para os estudantes. Com as perguntas feitas foi possível obter uma devolutiva dos alunos de como é a sua relação com a educação para a sexualidade e como a iniciativa foi por eles recebida. O questionário tinha seis questões e a análise foi feita pontualmente, já que cada uma abordava um diferente ponto a ser estudado.



A primeira questão, tinha por objetivo investigar a idade dos participantes e obteve respostas que variavam entre 15 e 18 anos, sendo que 63,2% dos participantes tinham 16 anos. Isso demonstra que o grupo de participantes estava na idade esperada para estudantes do 1º ano do ensino médio, sem grande quantidade de estudantes com defasagem de idade.

Já a segunda questão perguntou se os alunos sabiam o que era educação para a sexualidade. Essa questão tinha espaço para marcarem sim ou não e caso a resposta fosse sim, era solicitada uma breve explicação para o termo. Todos os participantes responderam que conheciam o termo. Ao se analisar os conceitos dados pelos participantes para educação para a sexualidade, percebeu-se uma grande diversidade de respostas. Essas foram divididas em cinco categorias como mostra a Tabela 2.

Tabela 2 – Porcentagem dos conceitos de educação para a sexualidade em categorias

Categoria	Porcentagem
Prevenção	42,5%
Fisiologia	19,1%
Orientação	17%
Explicação básica	14,9%
Não sabe explicar o conceito	0,1%

Fonte: Autora, 2021.

A explicação mais frequente dada pelos estudantes foi que a educação para a sexualidade serve como instrumento para prevenir doenças e gravidez indesejada, e ainda que seja um conceito básico, ele pode ser considerado correto. Prevenção surgir como categoria mais frequente não é um espanto, afinal, “os adolescentes e jovens ainda possuem dúvidas sobre a prevenção da transmissão das IST e certa resistência ao uso do preservativo, tornando-se vulneráveis e aumentando as incidências da doença.” (CARVALHO, PINTO, SANTOS, 2018. p.14). No entanto vale refletir o que seria essa prevenção por eles dita. Abordaria apenas o quesito fisiológico ou envolveria outros âmbitos da educação para a sexualidade? A muito a ser dito e diversas situações que a educação para a sexualidade pode intervir e abranger, como por exemplo intervenções em situações de abuso, que não se enquadram em prevenção para doenças e sim um cuidado com os indivíduos.



A segunda categoria com maior explicação de alunos tratou da Fisiologia. Essa categoria foi definida, quando o conceito foi dado baseado mais enfaticamente na parte fisiológica, ainda que seja realmente tratada pelo assunto não é o único foco da educação em questão. Silva (2018) lembra como os livros de ciências biológicas costumam dar ênfase na parte reprodutiva da sexualidade e em gravidez na adolescência, sem tratar, no entanto, dos aspectos sociais envolvidos.

As demais categorias, apresentadas na Tabela 2, apareceram em menor frequência e abordam o conceito de orientar sobre algo ou para algo. Essas explicações acabaram por retratar a visão de educação para a sexualidade como algo à parte das questões que envolvem o social e o jovem inserido em seu ambiente, o que ainda pode ser visto como uma barreira. Conceituar a educação para a sexualidade é realmente muito difícil, pois a construção do conceito é complexa e apenas 0,1% dos alunos manifestaram que sabem o que é, sem, no entanto, saberem explicar.

Pelos resultados obtidos a partir da terceira pergunta do questionário foi possível verificar de onde tinha vindo o conhecimento prévio dos alunos acerca do assunto. Essa questão tinha uma apresentação diferente das demais, tendo espaço para que os alunos marcassem em que ferramentas, locais ou grupos sociais teriam servido de base para o conhecimento prévio que tinham sobre educação para a sexualidade. Além disso, contava também com um espaço em branco para que aqueles que quisessem enfatizar algum ponto específico pudessem assim fazer.

Dos 38 questionários devolvidos, em 25 deles, os alunos disseram já terem recebido informações sobre sexualidade na escola. Porém o resultado não ficou claro pois restou a dúvida se os alunos levaram em consideração a intervenção desenvolvida por esse projeto como referência ou não. Inclusive, um dos alunos escreveu que a fonte de informação tinha sido na escola com a professora que foi a aplicadora deste trabalho, o que reforça essa questão. Os amigos foram indicados por 17 alunos, que relataram conversar com os amigos sobre o assunto. O contato e a informação por meio da família foram indicados por 15 alunos, que corrobora com o que apresenta Spaziani; Maia (2015), ao



afirmarem que os pais mostram interesse pelo assunto, transmitindo conhecimento aos filhos e indo de encontro com o que afirma Taquette (2010), onde os pais são mais ausentes ou os jovens não terem liberdade para conversar sobre o assunto. O número obtido é quase metade dos alunos que responderam, e supera até mesmo as pesquisas na internet, que acabou não tendo o resultado esperado, uma vez que os jovens estão cada vez mais conectados a ela.

Em seguida no questionário a questão 4 era para que os alunos se manifestassem se eles achavam que o tema era relevante e se deveria ser tratado em sala de aula. A maioria disse que sim, por diversas razões tais como: a importância da educação para a sexualidade na formação do indivíduo, a necessidade de se prevenir para evitar uma possível gravidez indesejada ou mesmo evitar a contração de alguma IST. Um dos alunos teve um posicionamento muito interessante ao afirmar que: “Educar não é incentivar, mas prevenir, pois esclarecer dúvidas e mitos é de suma importância para gerar jovens e adultos conscientes”. A colocação deste indivíduo é relevante, pois representa a atenção para um assunto importante e o reflexo de como a educação para a sexualidade pode ser percebida na conscientização dos jovens.

A questão 5 do questionário questionava se algum dos temas apresentados na aula havia sido anteriormente apresentado de outra forma ao estudante. A questão buscava investigar se os alunos que já tinham tido contato anteriormente com temas relacionados à educação para a sexualidade. O intuito era averiguar as diferenças entre os conceitos apresentados anteriormente e aqueles apresentados ao longo das atividades que envolveram essa pesquisa, mas não foi possível verificar isso, já que muitos alunos responderam de forma ambígua, não sendo possível contabilizar essas respostas. Como não era possível separar os dados de forma a obter respostas confiáveis, nada da questão foi aproveitado.

A sexta e última pergunta abria espaço para que o aluno pudesse dar uma devolutiva a respeito da proposta de intervenção desenvolvida. Se na percepção dele a aula tinha sido satisfatória ou ainda se os estudantes



gostariam de dar sugestões. Alguns comentários dos alunos foram bem construtivos, tais como: “Eu achei interessante pois me conscientizou a tomar cuidado na hora em que eu tiver no ato a tomar cuidado e me prevenir” e também “Achei bacana a aula, aprendi várias coisas que eu não sabia e que provavelmente não ia pesquisar sobre”.

Também foram apresentadas críticas, principalmente na turma em que não teve tempo de abordar todas as questões durante a aula expositiva; “Eu gostei muito da aula, consegui tirar dúvidas e etc. Ponto negativo: pouca duração da aula”. A crítica destes estudantes é fundamentada, uma vez que a turma estava extremamente interessada no assunto e com várias dúvidas, no entanto com tanta participação por parte dos estudantes o tempo acabou sendo curto para que fosse possível abranger todos os pontos.

Para alguns estudantes, a aula não foi muito atrativa, o que mostra que mesmo atividades onde se abre mais espaço para participação dos estudantes, podem não agradar a todos. Porém para outros foi bem produtivo, se manifestando até mesmo de uma forma divertida: “A ‘pesquisadora’ é maravilhosa, uma fofa, ‘muito’. A professora é muito interativa, divertida. Estilosa E-girl.”.

Essa devolutiva foi muito bem recebida, demonstrando que a relação entre o professor e o aluno pode estimular o estudante a prestar atenção no que está sendo dito. Silva (2013) fala como o professor pode ser visto como um exemplo, e a importância de utilizar isso para “construir a disseminação do respeito entre os alunos e professores, assim como entre alunos e alunas, indicar o que vem a ser tolerância” (p.19). Diante do exposto, foi possível perceber que de forma geral as atividades foram muito bem recebidas pelos estudantes, o que reforça a reflexão sobre a ampliação de aulas que tragam questões do interesse dos estudantes.

4. Considerações Finais

A importância da educação para a sexualidade é enorme e este estudo só confirmou isso. Os jovens devem ser educados para a sexualidade, para



que tenham autonomia de seus corpos e possam fazer escolhas conscientes e seguras, de preferência desde cedo.

Os alunos são em sua maioria interessados e engajados, só falta o estímulo para o debate. Por unanimidade, reconhecem a importância de se falar sobre educação para a sexualidade. Eles sempre terão dúvidas, pois isso quer dizer a respeito do futuro de cada um, então necessitam de informação segura e de qualidade. Quando o professor está disposto a dialogar e os alunos interessados em aprender, novas atividades podem surgir para enriquecer a troca de conhecimento.

Vale a pena reforçar que a responsabilidade desse tema não cabe apenas ao professor ou à escola, é também papel dos pais ou responsáveis prover um ambiente seguro para conversa, já que é na família que os jovens começam a aprender sobre si mesmos, e a sexualidade não deveria ficar fora das conversas. Nesse sentido esse trabalho surpreendeu positivamente, pois por mais que o tabu que envolve a educação para a sexualidade continue existindo e criando barreiras para o conhecimento, os responsáveis começam a enxergar a segurança que o diálogo responsável pode trazer.

Dito isso, ainda existe muito a ser trabalhado acerca da educação para a sexualidade, pois com tempo limitado não foi possível tratar com detalhes todos os pontos desejados. Que venham trabalhos futuros na área, ressaltando a importância da informação e do diálogo, mas lembrando que para que seja possível se aprofundar em questões sociais pertinentes é necessário que os alunos e alunas possuam uma base sólida nas questões biológicas.

A sexualidade é inerente ao ser humano, e tratá-la com naturalidade é uma obrigação. Os jovens precisam saber dos seus direitos e não deveriam ter vergonha de aspectos relacionados à sexualidade, pois isso é também o que nos torna seres humanos. Que se continue cultivando um espaço para que os jovens questionem, se informem, queiram aprender sobre si e se preservar desde cedo. A informação não incentiva, ela protege e isso deve ser reforçado.



6. Referências

- ALENCAR, R. A.; SILVA, L.; SILVA, F. A.; DINIZ, R. E. S. Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, p. 229, 2011
- BERALDO, F. N. M. Sexualidade e escola: espaço de intervenção. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 7, p. 103-15, 2003
- BRANDÃO, S. S. Sexualidade é uma marca humana! *Psicanálise*, v. 21, n. 1, p. 98-108, 2019.
- BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: MEC, 2018
- CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. G. C.; GOMES, R. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Revista Latino-Americana**, v. 8, n. 2, p. 18-24, Ribeirão Preto. 2000
- CARVALHO, O; PINTO, R. G. S., SANTOS, M. S. Conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis por estudantes adolescentes de escolas públicas. **Adolescência e Saúde**, v.15, n. 1, p 7-17, 2018
- CORDEIRO, R. A. Aparência física e amizade íntima na adolescência: Estudo num contexto pré-universitário. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 4, p. 509-517, 2006
- DISTRITO FEDERAL, Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal, **Currículo em Movimento da Educação Básica: Ensino Médio**. Brasília, 2014
- DUTRA, C. Repercussões da síndrome pré-menstrual na vida da mulher. Monografia (Enfermagem). Porto Alegre/RS, 2015
- 2010
- GAVA, T.; VILLELA, W. V. Educação em Sexualidade: desafios políticos e práticos para a escola. **Sexualidade, Saúde e Sociedade**. Rio de Janeiro, n. 24,p. 157-171. 2016.
- LIMA DE OLIVEIRA, E.; REZENDE, J. M.; GONÇALVES, J. P. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. **Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades**, v. 26, n. 1, p. 303-314, 2018
- MACEDO, S. R. H. *et al.* Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n.1, p. 103-109. Brasília, 2013



MAIA, A. C. B. Conceito amplo de sexualidade no processo de educação social. **Psicopedagogia On Line**, v. 1, 2010.

MAIA, A. C. B. et al. Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 151-156, 2012

MATÃO, M. E. L.; MIRANDA, D. B.; RIBEIRO, A. A.; DIAS, I. T. S.; CARRIJO, T. M.; CAETANO, W. J.; SILVA, A. R. Perspectiva dos educadores em relação a educação sexual nas escolas. **Revista do CEAM**, v. 5, n. 2, p. 76-87, 2019

MOIZES, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010

PEREIRA, G. M. C.; AZIZE, R. L. Quem tomará a “pílula masculina”? Reflexões sobre a construção do usuário de contraceptivos para homens. **Sexualidade, Saúde e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 20-39, 2019

PINTO, P.; NOGUEIRA, M. C.; OLIVEIRA, J. M. Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 374-383, 2010

SILVA, A. K. L. S. Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social. **Revista do NUFEN**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 12-15, 2013

SILVA, A. S. **Educação sexual, escola e família: uma revisão integrativa**. Curso de Saúde da Família, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-CE, 2018

SILVA, T. R. F. et al. Representações dos estudantes de enfermagem sobre sexualidade: entre estereótipos e tabus. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2019

SPAZIANI, R. B.; MAIA, A. C. B. Educação para a sexualidade e prevenção da violência sexual na infância: concepções de professoras. **Revista psicopedagogia**, São Paulo, v. 32, n. 97, p. 61-71, 2015

SUPLICY, M. et al. **Sexo se aprende na escola**. 3. ed. São Paulo: Olho d'Água, p. 120, 2000

TAQUETTE, S. R. Conduta ética no atendimento à saúde de adolescentes. **Adolescência e Saúde**, v.7, n.1, p. 6-11, 2010

Revisão gramatical realizada por: Rivia Maria Barreto Moura

E-mail: rimabm@globo.com



Sobre os Autores

Ana Júlia Lemos Alves Pedreira

anajuliapedreira@unb.br

Doutora em Educação pela UnB; Mestre em Ecologia (UnB), Especialista em ensino a distância (CEAD/ UnB) e Graduada em Ciências Biológicas pela UFV (Universidade Federal de Viçosa). Docente na Educação Básica por 18 anos e atualmente professora na UnB no Núcleo de Educação Científica (NECBio) / Instituto de Biologia, e professora orientadora no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia (PROFBio/ UnB). Atua nas seguintes áreas: ensino de Ciências, ensino de Biologia, formação de professores, recursos didáticos e ensino de Ciências em Classe Hospitalar. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2124-1789>

164

Karoline Queiroz Rocha Moura

mourakkarol@gmail.com

Licenciada em ciências biológicas - Universidade de Brasília (2020) / National University of Ireland Galway (2016).

